

ARTIGOS

A PRESSA É INIMIGA DA PERFEIÇÃO

ANA MARIA MOREIRA MARCHESAN

Promotora de Justiça de Defesa do Meio Ambiente de Porto Alegre
ana-marchesan@mprs.mp.br



Meus avós já ensinavam que a pressa é inimiga da perfeição. Se, nas tarefas simples do nosso dia a dia, vige essa máxima, mais imperativa ela se torna na elaboração de importantes leis. Refiro-me ao novo Código Estadual de Meio Ambiente que o governo Leite pretende aprovar em nosso atarefado parlamento em 30 dias.

Defendemos, no evento O Futuro do Futuro, a necessidade de o governador do Estado retirar o regime de urgência. Essa prerrogativa do chefe do Executivo, quando envolve direitos indisponíveis, transgeracionais e vitais, cede em face do necessário debate com a sociedade. Três argumentos são fortes para afastar a urgência.

Em primeiro lugar, o pleito real do governo não traduz alterações pontuais, mas objetiva mudanças em mais de 480 dispositivos do atual Código. Embutidas no pacote, estão propostas de alterações sensíveis no Código Florestal

(acabando com a proteção das figueiras, corticeiras e outros espécimes arbóreos ameaçados) e a revogação de uma lei sobre direito à informação ambiental. Todos temas complexos e relevantes.

Agora teremos tranquilidade para repensar nosso futuro contemplando as variáveis ambiental, social e de governança

Em segundo lugar, o argumento maior empregado pelo governo para a rapidez é a suposta necessidade de alinhamento com a legislação federal. Ocorre que o projeto que trata da Lei Geral do Licenciamento Ambiental (na sua quarta versão) está sendo conduzido mediante audiências públi-

cas e amplos debates, sem pressa. Assim, o atropelo no RS pode, sim, ocorrer em desalinhamento com o que vier a vigorar no plano federal. E então, novamente, teríamos de mudar a lei!

Por fim, estamos diante de uma codificação, de um diploma de ampla abrangência que reúne temáticas ambientais diversas, cada uma delas com complexidade peculiar, e que se presta a definir princípios, instrumentos, conceitos e regras gerais para a intervenção no meio ambiente, uso dos recursos naturais e exercício sustentável da atividade econômica. Isso não é pouca coisa.

Com a superveniência de uma liminar em mandado de segurança impetrado por deputados estaduais, resta afastada essa pressa. Agora teremos tranquilidade para repensar nosso futuro contemplando as variáveis ambiental, social e de governança, no marco da almejada sustentabilidade.

A FESTA DOS LIVROS

EDUARDO JABLONSKI

Professor e crítico literário
evj1969@gmail.com



Estamos nos aproximando de mais uma Feira do Livro de Porto Alegre, em novembro. É a época da festividade dos livros para os sacerdotes das letras e os amantes dos livros em geral.

A Feira de Porto Alegre é a única, talvez, no Rio Grande do Sul a beneficiar quem realmente ama a literatura, porque lá se encontram os clássicos de todas as áreas e naturezas. Mas o evento ainda traz os best-sellers, os livrinhos da moda e os tops de todos os setores. Há livros caros, mas também há os baratos. Algumas bancas já chegaram a fazer promoções absurdas, R\$ 1 por livro, mas foi anos atrás. Hoje talvez os mais baratos girem em torno de R\$ 5.

Os viciados em livros, os escritores, estão sempre caminhando pela maior feira do Estado. Já identificamos nela José Eduardo Degrazia, Armino Trevisan,

Joaquim Moncks, Rossyr Berny, Jaime Vaz Brasil, Luiz Nicanor, Delalves Costa, Roberto Schmitt-Prym, Círio de Melo, Borges Neto, Fernando Medina, alguns menos, outros mais conhecidos, mas todos com talento para mostrar.

Para quem ama a feira de Porto Alegre, é uma enorme emoção aguardar o momento do início

Alguns desses escritores visitam os colegas que estão lançando, vão às bancas para comprar livros às pencas e depois se reúnem com amigos para conversar sobre literatura ou mesmo compram um café para já ir lendo alguma coisa do que adquiriram.

São dias de êxtase para quem ama os livros. E sempre há as bancas preferidas por uns ou por outros. Um crítico literário amigo nunca deixa de dar uma passada no IEL ou na Movimento para conhecer os novos autores do Estado e também adquirir os lançamentos dos mestres. Também vai às bancas de universidades para comprar as dissertações ou teses de crítica literária sobre os mais variados escritores. Compra dezenas dessas obras.

Para quem ama a Feira de Porto Alegre, é uma enorme emoção aguardar o momento do início, contar as semanas, os dias e as horas, nervoso, para ter o direito de percorrer a Praça da Alfândega e viajar pelos mestres do Estado, Carlos Nejar e Mario Quintana na poesia; Erico Verissimo e Moacyr Scliar na prosa; Luís Augusto Fischer e Antonio Hohlfeldt na crítica.

EM DIA

RICOS REBELDES

PEDRO DUTRA FONSECA

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br



As megamanifestações separatistas em Barcelona mostram que mesmo povos cultos e de bem com a vida podem cair na armadilha do radicalismo e da xenofobia. Por isso, não considero razoáveis nem folclóricas as vaías das torcidas locais ao hino nacional antes dos jogos. Separatismos, racismos e outros preconceitos alimentam-se da tolerância quando parecem inofensivos, mas são de difícil reversão depois de se alastrarem. Todo separatismo acena para uma utopia: o mundo será outro após a secessão. Comove adeptos pela simplificação do diagnóstico: os problemas – existentes em qualquer lugar e tempo histórico – teriam uma única causa. E a solução viria como mágica após uma independência enaltecida.

Não me refiro às manifestações legítimas de povos que se rebelam por serem colonizados ou subjugados, ou por uniões e anexações artificiais, como o Império Austro-Húngaro, o Leste Europeu na Guerra Fria ou a antiga Iugoslávia. A novidade dos atuais separatismos é partirem das partes ricas de seus países, como é o caso da Catalunha. Mas também da Lombardia e de Vêneto (da Itália), Antuérpia (Bélgica) e até Califórnia (EUA). São regiões de países democráticos, que já gozam de autonomia e forjam o imaginário de serem exploradas pelo “resto do país”, que as sugaria com a transferência de impostos. No caso da Catalunha, faziam sentido os protestos na era franquista, quando se proibiram a língua e a cultura catalãs, bem como a autonomia política local. Hoje há ampla liberdade, tal como em qualquer federação democrática. Sentir-se subjugada e recorrer à História para justificar é de difícil sustentação: a Espanha resulta de união de reinos (Castela, Leão, Aragão, Galiza, Navarra) cuja unidade ganhou impulso para enfrentar um inimigo comum: os mouros, que dominaram a península Ibérica por mais de cinco séculos. A Catalunha era um pequeno condado cristão que poderia ser mouro ou francês, pois a vassalagem era reivindicada pelos reis da França.

A contradição dos separatistas é não reconhecerem que enriqueceram justamente por gozar das externalidades positivas de pertencerem a um todo que lhes assegurou mercado consumidor e matérias-primas para expandirem suas indústrias, segurança militar e institucional, transportes e infraestrutura. Seriam ricas e exploradas. A riqueza caiu do céu.

A contradição dos separatistas é não reconhecerem por que enriqueceram. A riqueza caiu do céu

Pedro Dutra Fonseca escreve às quintas-feiras, a cada 15 dias. Amanhã: **Igor Oliveira**, consultor empresarial.

Opinião online



• **Cassio Grinberg**, economista e consultor de estratégia: “Avida não é curta, como costumam dizer: ela é longa o suficiente para nos conceder o tempo para darmos o melhor de nós”.

GAUCHAZH.

Leia o artigo em
bit.ly/cassiogh

Artigos devem ter até 2.000 caracteres. Os textos assinados não representam a opinião do Grupo RBS.
bit.ly/opiniaogauchazh artigozh@zerohora.com.br [@opiniaozh](https://twitter.com/opiniaozh)